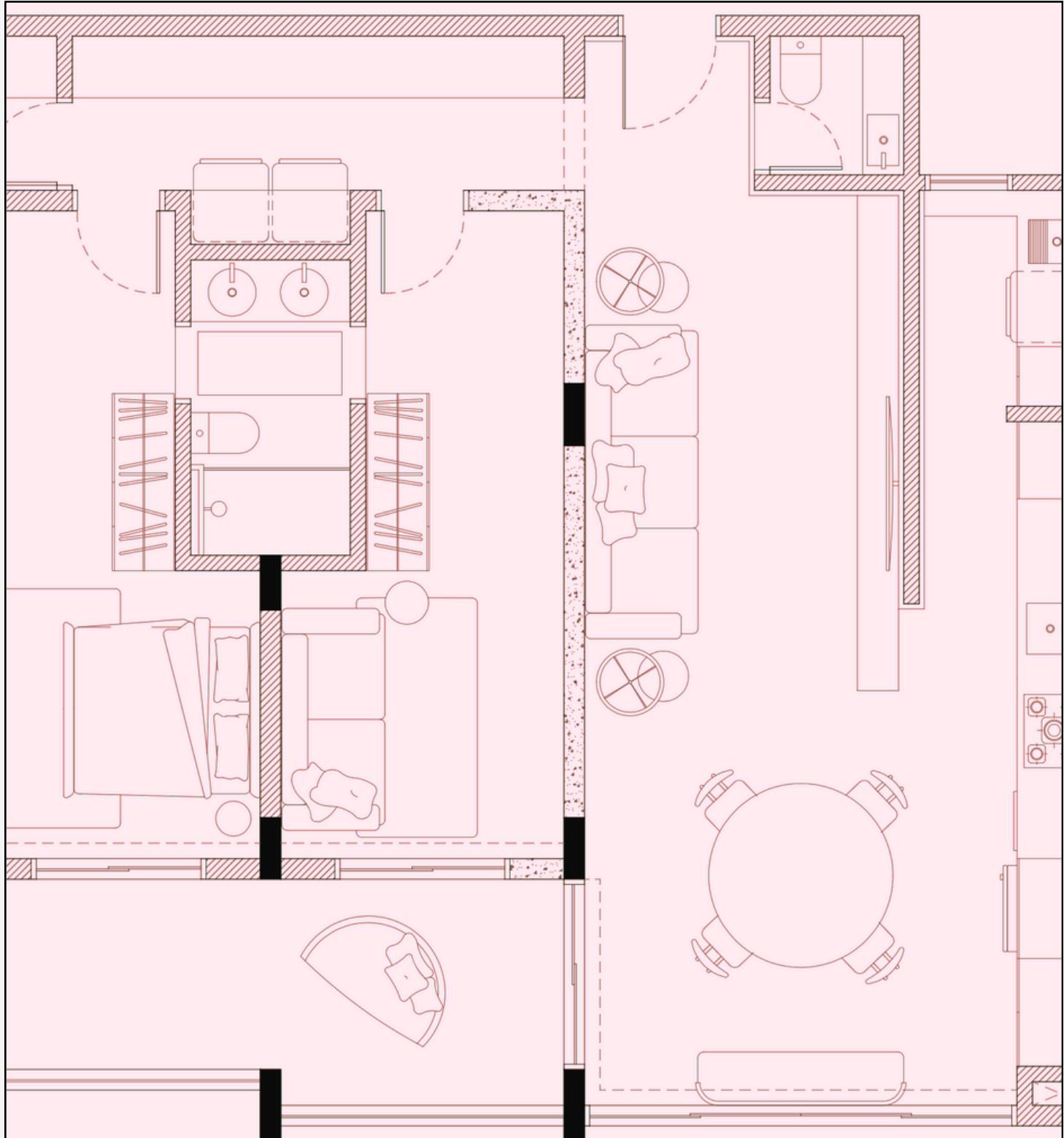


MAGNETICA

REVISTA DIGITAL

EDIÇÃO 06 | JUN. 25



Manifesto

Altura, abertura e profundeza

MAGNÉTICA é uma plataforma para a criação, produção, editoração e divulgação de textos escritos pelos seus participantes. Textos com a gravidade, a luz, o ritmo - o fluxo da mente, do espírito - de quem com ela quiser seguir.

O foco é o ato de escrever como meditação ativa e criadora, a experiência do instante como expansão, extensão do pensamento: que as frases, temas e ideias se façam como o meio, e o fim seja tecido de si mesmo nos muitos caminhos e formas de cada um.

E que não se invista na trama do que contrai, do que repele, do que reduz, do que falseia; do que distorce, do que separa, do que condena. Nenhum símbolo do que não é deve aqui ser ampliado.

OS ATRAÍDOS

Meu nome é Eliana, com A no final, se não quiser confundir, pode me chamar de Eli. Tenho 56 anos, uma filha e três gatos. Magnética, o que me atrai são as cores, as artes, boa comida, bons amigos, viagens. Me causam repulsa a desigualdade, as injustiças, as coisas mal feitas, o cheiro do ralo e baratas.



Sou Mario. Sem acento no "a", mas aceito se você o colocar. Tenho 56 anos. Geminiano com ascendente em Capricórnio. Não acredito em horóscopo, mas me divirto. Magnético, sou atraído por todo tipo de conhecimento e novas linguagens. Repilo a injustiça, a desonestidade e todo um espectro de escatologias.



Sou Paula Bessa. Cinquenta anos em janeiro... capricorniana. E, talvez por isso, brava, teimosa e rígida à beça. Recentemente, descobri o quanto os dois "esses" do meu nome suavizam meu caminho. Gosto das possibilidades das curvas acentuadas que esses dois circuitos lado a lado me oferecem. Magnética, adoro o tempo das reticências e de contar detalhadamente uma história. Então, estranho quem diz "texto muito longo"... me parece sempre, no mínimo, curioso.



Meu nome é Ana Maria. Filha de imigrantes da Europa do Leste, minha mãe tinha ficado orgulhosíssima de me dar um nome tão brasileiro. Na verdade, latino. Que inspirou músicas e poemas. Setentinha, mas ainda brigo com o espelho, pois aquela me olha de manhã não sou eu (depois, como sou resiliente, me acostumo). Geminiana, adoro palavras e músicas. Magnética, adoro conviver com gente. E sou reconhecida por isso. O que me revolta é a desigualdade. Nunca a diversidade.



Meu nome é Renato. Tenho 63 anos e já nasci algumas vezes nesta vida - daí o nome. Magnético, sinto atração por coisas secas: substantivos, desertos, estradas de terra e uva passa. Sinto repulsa por coisas gosmentas: diminutivos, jiló, jaca, lesma e o Alien ao nascer.



Meu nome é Sérvio, Sérvio Túlio, com 'v'. Não 'g'. 'V'... sim, com 'v' mesmo. Não foi erro no cartório, nem pais criativos, mas o avô que ensinava latim. Tenho 54 anos. Magnético, me atraí o rigor do que inclui, do que explica, do que conecta; a linguagem, as gramáticas, as equações. Tenho repulsa regurgitante a tudo que na frase "na prática a teoria é outra" pode estar implícito, oculto ou atolado.



AS IMANTADAS

Sou a Luciana França Bernardino. Descobri cedo demais que as secretárias das escolas não gostavam de usar o Ç, o que me obrigava a me afirmar nas chamadas, dia sim, dia também. “Luciana França?” “Presente. É França.” Curioso, que hoje, quando eu não poderia me importar menos que errem meu nome na espera para fazer um exame, as pessoas começaram a digitar o Ç. Talvez, junto comigo, o teclado tenha mudado. Magnética, porque histórias são feitas para serem lidas. Porque histórias existem para serem contadas.



Meu nome é Renata. Tenho 64 anos. Daqui a três anos, me aposento e mudo de fase. O que mais me anima é não precisar ir ao mesmo lugar, na mesma hora, todos dias. Sou curiosa, pergunta-deira, mais assertiva do que brava (não dá para agradar a todos). Não lido nada bem com a hipocrisia. Fiquei feliz pelo convite para participar desta edição.



ÍNDICE

COZINHANDO	
Luciana França Bernardino	07
QUE PORÃO É ESTE?	
Renata Hernandes	09
O ALPENDRE	
Renato Guimarães Ferreira	12
A COZINHA EM MINHA VIDA	
Ana Maria	17
O CORREDOR	
Sérvio Túlio Prado Jr.	21
O QUARTO DA CATARINA	
Paula Bessa	22
O BANHEIRO DA PENHA	
Eliana Bianco	24
MORANGOS URBANOS	
Mario Aquino	28

COZINHANDO

Quando eu era pequena, era na cozinha da minha avó que eu a via descascar a batata para fritar. Era por lá também, mais perto da janela da área de serviço, que minha mãe e meus tios se encostavam para fumar. Era na primeira prateleira da geladeira que ficavam, o que me pareciam ser, centenas de potinhos de gelatina prontinhos esperando pela hora da sobremesa para serem por mim devorados.

Quando eu era adolescente, era na cozinha que minha mãe, meu pai, minha irmã e eu nos reuníamos para vê-la cozinhar e conversar. Não me lembro quais eram os assuntos. Mas tenho clara a lembrança de todos se contorcendo de rir de alguma gracinha que meu pai tinha falado. Era na primeira prateleira da geladeira que minha mãe deixava em um pratinho âmbar, coberto por outro pratinho transparente, as frutas já picadas para que eu tomasse meu café da manhã quando ela precisava sair cedo de casa.

Quando eu era adulta, foi na cozinha que eu descobri minha maior dificuldade. Eu me alimentava mal e estava me sentindo cansada. Então, foi na cozinha que uma nutricionista me ensinou a cozinhar e a experimentar dezenas de coisas novas, eu, que sempre fui tão seletiva. Era na primeira prateleira da geladeira que eu deixava todos os pratos da semana prontos em potinhos e no congelador, os demais pratos da quinzena.

Quando eu fui esposa, a cozinha era o lugar da criatividade. Meu marido e eu fazíamos pratos trabalhosos e gostosos. Era lá que começavam os jantares românticos e onde se abriam as garrafas de vinho.

Era na primeira prateleira da geladeira que ficava o queijo branco e o leite de garrafa para o café da manhã, da época em que quisemos ser saudáveis; era lá que ficava o Guaraná dele e a minha Coca, de todas as épocas.

Quando eu fui mãe, a cozinha era o local onde os três pequenos mexiam nos potes de plástico enquanto eu cozinhava os legumes para eles. Foi lá também que eu mexi e remexi no celular atrás de receitas infalíveis que os fizessem gostar de brócolis e berinjela. Era na primeira prateleira da geladeira que ficava um pote grande com o feijão feito no dia e outro pote grande de arroz. Eu não como feijão nem arroz.

Quando eu amadureci, a cozinha passou a ser um lugar simples e bagunçado. Minhas refeições eram simples; meus filhos e seus amigos, num entra e sai de “preciso fazer mais um sanduíche” deixavam a cozinha bagunçada. Era na primeira prateleira da geladeira que ficava o pote de requeijão, o queijo e a mortadela, que sumiam e precisavam ser repostos praticamente todas as manhãs.

Quando eu envelheci, a cozinha ficou silenciosa. Era na primeira prateleira da geladeira que eu deixava a Coca, o Guaraná e o queijo branco. Quando eu envelheci mais, a cozinha virou resgate. Era lá que eu cortava as batatas para fritar. Era de lá que eu ouvia a algazarra que eles faziam na sala. Era na primeira prateleira da geladeira que eu deixava o que eles achavam que eram centenas de potes de gelatina prontinhos esperando pela hora da sobremesa para serem por eles devorados. Era na primeira prateleira da geladeira que eu guardava um pote grande do feijão feito pra eles. Era na primeira prateleira da geladeira que eu guardava um pote grande de arroz feito pra eles. Era na primeira prateleira.

Luciana França Bernardino



QUE PORÃO É ESTE?

Eu conheci Didier em 1986. Ele era um ‘flirt’ de Luís, um amigo que fiz em terras francesas. Luís era do Rio de Janeiro. Quando falava, o sotaque ‘maneiro’ de um carioca legitimo da gema não negava suas origens. Ele chegou em Paris para trabalhar e passar uma temporada de dois anos no Instituto Pasteur, que é ‘dedicado à pesquisa, prevenção e tratamento de doenças infecciosas’, segundo a Inteligência Artificial do Google.

Desde que nos conhecemos ficamos muito próximos. Tínhamos a companhia um do outro para chorar de saudades do Brasil e também curtir a cidade. Admirávamos, porém não deixávamos de dar boas risadas da cultura local. Naquela época, éramos dois estrangeiros imaturos sem saber, ainda, se comportar diante das diferenças.

Certo dia, ele apareceu com o Didier em uma festa onde estavam presentes somente os estrangeiros ‘exilados’. A sensação de viver em outro país é sempre essa: estrangeiro exiliado. Ele era um rapaz bonito, doce, acolhedor, até falante, mas que deixava escapar, de tempos em tempos, um olhar contemplativo, talvez triste. Eu não sabia bem o que significava.

Esse perfil era bem comum entre os parisienses. Eu também identificava aquele olhar em uma atendente que trabalhava na agência de turismo da Aliança Francesa. Eu passava por lá com certa frequência para encontrar roteiros de viagem e excursões mais em conta. Era a forma que eu tinha de passear pelo mundo.

Na época, o Franco era o dinheiro que reinava e movimentava o mercado local; valia bem mais do que o Cruzeiro na transição para o Cruzado. Para mim, não importava muito porque a escassez era a mesma tanto em uma moeda como em outra.

Nessa época, estávamos no inverno. Fazia muito frio para qualquer brasileiro nascido em um país tropical ‘abençoados por Deus’, que se prestava a experimentar o inverno europeu.

Paris foi coberta por uma onda de neve em consequência de uma temperatura de 10 graus negativos. Eu achei maravilhoso. Só havia visto aquela cena, uma cidade retratada em preto e branco, em filmes da nouvelle vague. Acho que essa referência simboliza bem a minha emoção.

Mas essa alegria não era um sentimento evidente em quem vive por lá. É uma estação que encurta o dia, clareando somente por volta das 8 horas e escurecendo perto das 17 horas.

Nosso amigo Didier trabalhava com antiguidade em um porão, sem janelas. Certa vez, ele me contou que era privado de ver a luz do dia por três meses. Saía e voltava de casa sem ter a chance de sentir aquele gosto de recomeço ao acordar. Praticamente, vivia 24 horas uma rotina desfalcada de escolhas, emoções, reações; o inverno encolhia Didier, reduzia seus desejos e sentimentos a uma sobrevida às escuras. Parecia hibernar como um urso polar. A sorte é que as estações do ano, naquela época, eram bem marcadas. A cada três meses, as pessoas tinham a oportunidade de se reinventar. No verão, por exemplo, o dia se alongava e agraciava os moradores de Paris com um pôr do sol às 22 horas. Um verdadeiro deleite. Acabo de lembrar do filme do Woody Allen, Meia-noite em Paris, que prova como tudo pode acontecer no verão parisiense.

Volto novamente à agência da Aliança Francesa, agora na primavera, e fico perplexa com o bom humor e a felicidade da atendente. Parecia querer me abraçar e dançar uma valsa vienense; samba não, já era pedir demais. A explicação: acabou o inverno e junto a melancolia. Realmente, a cidade ganhou uma cor nova que, consequentemente, iluminava quem vivia nela.

Pensei logo que era uma lógica que se aplicaria ao Didier. O tempo agradável nos convidava novamente aos longos passeios pela Paris, inclusive, com a companhia desse meu amigo francês, que seguia amável, doce, até falante, mas ainda com o olhar distante, que, nitidamente, refletia dor. Estranhei! Não era para ser assim.

Entendi que a paleta de cores das quatro estações não interferia no estado de espírito de Didier. Nem mesmo justificava o peso dos momentos de hibernação provocado pelo inverno. Tampouco sei, se algum dia ele já esteve fora daquele porão.

Só sei que voltei para o Brasil e meses depois, durante o verão europeu, soube que o meu amigo amável, doce, até falante, mas de olhar melancólico, havia sido encontrado sem vida no porão onde trabalhava. Perplexa, pensei: de que porão estamos falando?



O ALPENDRE



*"Amar o perdido
deixa confundido
este coração.*

*Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão*

*Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão."*

Memória – Carlos Drummond de Andrade

Estava na cozinha, lavando a louça do café da manhã, e ouvi barulho de palmas. Apurei os ouvidos e percebi que o barulho vinha da porta de casa. Estranhei, pois lá em casa tinha campainha, bem ao lado da porta da sala. Fui lá ver quem era: era o novo fisioterapeuta do meu pai, que vinha pela primeira vez em casa.

"Quase não te ouvi, da próxima vez use a campainha." "Faço isso sim, mas é que eu não queria ir entrando casa adentro." Casa adentro? A princípio não entendi. Ele não quis abrir o pequeno portão e entrar no alpendre da casa. Alpendre nunca foi algo de dentro da casa – é um espaço de transição entre a rua e a casa, na verdade, é até mais rua, pois é aberto para todo mundo.

Lugar de abrigo, coberto, onde se aguarda que alguém abra a porta e faça as honras da casa. Com estranheza, fui entendendo a lógica das palmas do lado de fora: para ele, era necessária autorização para entrar naquele espaço. Percebi que aquele rapaz já não conhecia a razão de ser dos alpendres e me inquietou a desconfiança de que ele nem sequer conhecia a palavra.

Enquanto ele atendia meu pai, fiquei pensando: alpendre é uma palavra tão bonita... Antes eu achava que seria uma palavra de origem árabe, com este al- inicial que é também a inicial de tantas outras palavras de mesma origem, como alfaiate, alcova, almofada. Só depois é que descobri que é uma palavra de origem latina, que remonta à palavra *alpendere*, que por sua vez é derivada de *appendere*, sendo que as duas significam pendurar.

Segui desenhando mentalmente alpendres diversos em construções mentais, onde eles apareciam como algo meio pendurado, meio separado da construção principal, mas ligado a ela por muitos laços de afeto, sinais de uma hospitalidade boa com cheiro de café com broa. Lembrei-me das tantas formas que seu uso assumia, como por exemplo o de ser também um lugar de depósito passageiro de uma delicadeza qualquer: “*Comadre, vou passar aí na porta de caminhonete e deixar um saco de mangas lá da fazenda no alpendre pra você. Pega lá depois!*”, dizia minha tia Isalta, mulher do tio Zeca, ao telefone à minha mãe.

Vejo com tristeza que suas funções sociais e seu uso corrente na língua estão morrendo. Tenho falado com pessoas que nem sequer sabem do que se trata, assim como não sabem o que é *chávena, bacada ou velocípede*. Procurei por velocípede na Amazon e encontrei: triciclo, quadriciclo, carrinho de passeio infantil, mas nada de velocípede que é infinitamente mais bonito do que todas essas palavras juntas, tão literais, tão funcionais. Como é triste ver uma palavra morrer, pois junto com ela, morre também um mundo. “*Amar o perdido / deixa confundido / este coração*”.

Preciso interromper minhas divagações, pois agora o terapeuta precisa ir embora. Abro a porta da sala e ele passa pelo alpendre e se despede só quando já está na calçada. Depois de me despedir e antes de fechar a porta, olhei para o banco com almofadas de plástico verde, que é recolhido toda noite para a sala – medo de que seja furtado, como já ocorreu uma vez. Levaram só as almofadas, deixando o banco de ferro trançado para trás – ficou para sempre certo incômodo, um receio difuso de uma nova invasão furtiva.

Lembrei-me de um acontecimento recente, que nos deixou mais assustados. Ao abrir a porta de manhã para ir comprar pão na padaria que fica a duas quadras, encontramos um homem dormindo no alpendre, entre sacos de linho cheio de trecos irreconhecíveis à primeira vista. Era um homem em situação de rua que se abrigou ali do sereno da noite e do tumulto da rua. Ainda que condoídos, passamos a trancar, por uma ilusão de segurança, o pequeno e inofensivo portão. Isso o transformava em uma barreira intransponível para o pobre e fraco homem, que só poderia alcançar o alpendre se saltasse por cima dele – e ele nitidamente não tinha forças para isso.

Lembranças de infância se ofereceram para ser colhidas enquanto eu caminhava rumo ao quintal e nelas o alpendre, abrindo-se para a rua, tinha um lugar importante. Nas noites quentes de verão, era comum que levássemos o banco do alpendre para a calçada. Meu pai e minha mãe se sentavam para tomar a fresca e olhar os filhos e outras crianças da vizinhança jogar *carimbada* na rua. Passavam poucos carros e, com isso, a brincadeira seguia solta, sem muitas interrupções. As tensões, pois sempre as há, eram de outra natureza, como as brigas pela bola lançada com força demais ou a zombaria em cima do menino tímido que não sabia jogar.

Nesse mundo, o alpendre era também o lugar ideal para as serenatas que ainda havia e era hábito de jovens e adultos. Pelo menos duas delas se tornaram inesquecíveis.

A primeira ocorreu no dia do aniversário de uma das minhas irmãs: uma turma de amigos dela cantou, tocou e deixou, escrito com flores – que reconheci serem flores do jardim do grupo escolar que ficava a uma quadra dali e onde eu estudava – a palavra “*Parabéns*”. Que amor! Ficamos encantados com aquela declaração, que parecia ao mesmo tempo tão ridícula e tão intensa. Afinal, como as cartas de amor do Álvaro de Campos, ela era ridícula, e se não fosse ridícula não seria uma declaração de amor.

A segunda serenata inesquecível envolveu um grande mal-entendido. A turma que apareceu ali de madrugada cantou muito mal músicas estranhas e atípicas de uma serenata, deixando para trás copos com restos de vodka e flores murchas com torrões de terra espalhados pelo chão. Ninguém entendeu nada e nem identificou, no meio da madrugada, para quem era. No tenso café da manhã seguinte, meu pai com calma perguntou para minhas irmãs: “*Quem eram aqueles rapazes? Os vizinhos podem ter ficado bravos com o barulho, pois aquilo não foi uma serenata.*” Silêncio, não por medo, mas porque ninguém sabia mesmo. No meio do silêncio que persistiu, deixando o pão mais seco e o café mais frio, o telefone tocou – era um amigo meu dizendo que a serenata tinha sido para mim! Amigos próximos, companheiros de muitas noitadas, saindo de uma festa, resolveram fazer uma serenata para mim, que estava gripado e não tinha ido à festa. Eu devia ter desconfiado, pois a primeira música que eles tentaram cantar (tentaram bravamente, mas foi meio difícil de identificar) foi “*Amigo*” do Roberto Carlos: “*Você, meu amigo de fé, meu irmão camarada...*”. Apesar da boa intenção e do carinho da amizade, a serenata tinha sido um desastre. O clima na mesa do café desanuviou um pouco depois do telefonema, pois percebemos que tudo fora uma brincadeira comigo e não uma declaração romântica de um bêbado apaixonado por alguma das minhas irmãs.

Todas essas histórias arredondaram as paredes daquele alpendre, que as acolheu e a elas deu guarida. Talvez isso explique um pouco da tristeza que sinto ao ver a palavra morrer, cair em esquecimento e passar a existir apenas em dicionários que não consultamos.

Não gostaria que ela, de sentido e usos tão bonitos na língua e na vida, adormecesse e virasse apenas uma lembrança de gente antiga que um dia também adormecerá. Mas talvez seja inevitável, como em todo o resto: o tempo incinera tudo e transforma-o em outra coisa. E lá se vão os alpendres, as chávenas, os velocípedes. A gente também está indo e o esquecimento é inexorável. *“Nada pode o olvido / contra o sem sentido / apelo do Não.”* Novas palavras virão para inaugurar um mundo novo e enterrar o que passou. Que sejam bonitas e abriguem histórias mais bonitas ainda.

Preciso ir, há alguém batendo palmas de novo do lado de fora do alpendre. E palmas, assim como as palavras, exigem atenção.



Renato Guimarães Ferreira

A COZINHA EM MINHA VIDA

Nas minhas lembranças de criança a cozinha nunca teve papel relevante. Acho que minha mãe tinha medo de que eu, pouco jeitosa e herdeira desse traço genético materno, me matasse entre facas e fogos. Minha avó, acho que cozinhava, mas não me constava que fosse terreno explorável por mim. Além disso, depois que tive contato visual com um peixe que nadava na banheira da vovó à espera de ser assassinado para um jantar familiar, possivelmente comecei a temer o que podia acontecer lá dentro. Depois de adulta tive uma conversa reveladora com meu irmão mais velho. “Quando eu estava na faculdade, não conseguia entender a alegria de meus colegas que voltavam para casa para comer a comida da mamãe”, disse ele. E eu imediatamente consegui ter forte empatia com essa sua sensação de surpresa. Deve ser por isso que, quando me perguntam o que eu quero comer, costumo responder que nunca é a comida, é sempre a companhia.

Mas mesmo na minha casa também foi possível disseminar a sensação de acolhimento de uma cozinha – ou da comida. Quando eu estava no terceiro científico – em linguagem atual como me disse o ChatGPT, terceiro ano do ensino médio – uma situação em particular me chamou a atenção. Eu sempre voltava para casa para almoçar quando acabavam as aulas da manhã e, de lá, então ia para o cursinho, já que eu morava super perto do colégio. E via, então, todos os dias, algumas amigas que moravam mais longe, abrirem o lanchinho que tinham trazido de casa. Elas (sim, era uma classe só de meninas) não teriam tempo suficiente para fazer tudo, comer, estudar, ir para as aulas da tarde- além do cansaço que isso envolveria.

Hoje me dou conta mais uma vez do que significa privilégio (ou ganhar na loteria do CEP) mas naquela época, quando minha mãe sugeriu convidar três das minhas amigas para almoçar todos os dias, desde que seus pais concordassem eu fiquei, por um lado, muito contente por poder fazer isso. Também tinha alguma vergonha pois sei lá se na casa delas a comida era mais importante que na minha. Eu tinha 16 anos, mas essa dúvida me mostra o quanto eu era ainda infantil.

Meu pai foi solidário, na época e meu irmão já estava na faculdade ou trabalhava (então...não almoçava em casa). Cibia a meu pai colocar quatro adolescentes no carro e deixá-las no tal cursinho (o critério era estarmos no mesmo cursinho, já uma decisão logística) e minha mãe se deliciava, dizia ela, com o banho de juventude que teve nesse ano. De fato, nem eu era malcriada em casa, pelo menos no horário dessa refeição.

No entanto, como sempre gostei de ler, sempre adorei as descrições de cozinhas de outros locais, de outros lares. Mas aí se tratava daquelas cozinhas com um grande fogão, panelas de cobre, tachos para fazer doces (eu não tenho certeza de ter visto algum até ir à fazenda de uma amiga, que tenta me educar nos aspectos dessa cultura que tenho dificuldade em absorver).

Meu primeiro apartamento de adulta tinha uma cozinha americana, o que significava um corredor estreito com azulejos onde ficavam lado a lado um fogão, uma pia e uma geladeira, com um armário em cima. Era separada da sala por um balcão, que dava acesso à sala, aí sim um cômodo importante. De convivência. Hoje eu sei que a cozinha é parte integrante da decoração, talvez o coração de muitas casas (ou de muitos lares...). Ganhou até o sobrenome de gourmet (eu sou do tipo que quando um nome começa a receber muitos adjetivos fico bem implicada). E há diversos tipos de fogão, de geladeira, de fornos...foi assim que aprendi um conceito que costumo compartilhar: qualquer coisa tem a complexidade atribuída pelo observador. Para mim, por exemplo, um carro tem que me levar de um ponto para outro e não me deixar no caminho.

Preciso saber qual seu combustível, para poder carregá-lo. Um fogão precisa me permitir fazer o pouco que me interessa (às vezes) fazer. Demorei a descobrir a função da estufa (depois da memorável definição de minha mãe, que disse que na sua terra natal serviria para secar sapatos). Uma amiga, muito melhor dona de casa que eu, por praticidade, imagino, usava o fogão para apoiar uma grande samambaia que tinha ganho (numa época em que samambaias estavam na moda).

Não quero ser mal compreendida, acredito piamente na comida de verdade e é o que consumo (mais até do que na medida do possível). Mas que seja bem fácil de fazer. Mesmo seguindo receitas, onde houver a possibilidade de errar, eu erro. Consigo misturar temperos (conhecidos) para dar mais sabor a uma salada. Mas, ainda em processo de alfabetização, considero pós-graduação identificar arrozes, fazer doces no ponto a, b ou c. E me desculpem os puristas, mas é só por amplitude de vocabulário que sei falar ou provar coisas al dente. Os programas de culinária da televisão ou das redes sociais, fonte de inspiração para tantas e tantos, para mim são verdadeiras peças de ficção, quando não de terror, pelo medo que tenho de errar, de me cortar, de provocar um incêndio ou uma inundação. Pelo menos por enquanto a minha probabilidade de provocar um incêndio em casa por entrar na cozinha e esquecer o fogo aceso, quanto estiver ainda mais velhinha, é bem baixa.

Sei distinguir se gosto ou não gosto de algo. Mas conheço pessoas que sofrem se proibidas de comer sal ou algum outro tipo de alimento ou condimento. Para mim, como já afirmei, é sempre a companhia. Mais gordura, menos gordura, mais ou menos açúcar, eu gosto muito de um chocolate, de um queijo, de um molho (como quase qualquer pessoa normal ou...como eu) e diria que sorvete é o meu comfort food. Mas quem precisa de conforto na comida, afinal de contas? Na verdade, pensando nisso, cozinha é na verdade, para muitos, uma comfort place, por causa das lembranças que ela evoca. Como para mim ela não as evoca, nem sei se meu ninho ou meu lar fica de fato na minha casa, ou se é mais minha cidade, que acolhe tantas culturas, tantos temperos e tantas cozinhas.

Receber amigos em casa, recebo-os com o coração. Uso minha agenda (ainda não a substituo pelas redes sociais) e minha imaginação. Diferentemente de minha sobrinha mais nova, que faz questão de cozinhar e reunir a família em torno da mesa em ocasiões festivas. Ou seja, a herança familiar não é determinante. O determinante é querer receber, acolher, dar carinho...seja no aposento em que for.



O CORREDOR

O corredor é ele mesmo a vida toda.

*De algo para algo,
do nada para o nada,
dependendo só da fé de quem o percorre...*

O que me cabe, o que me caberia?
Do percurso, a nave, o som,
a euforia,
da porta que antecipa o que é chegada,
do olhar que se cala em
despedida.
O corredor por que sigo,
a minha vida,
é meio vento, silêncio,
e partida.
São vozes, são tempo,
noites longas,
luzes, lampejos, solidão.
Encontro, sono, sede.
Comunhão.
O vazio à minha frente,
o tempo feito espaço, passos, portas,
vão.

Sérvio Túlio Prado Jr.



O QUARTO DA CATARINA

Num canto quente de Cuiabá,
no apê com varanda e sofá,
Artur e Lidi, com alegria,
esperavam o dia chegar.

Catarina, em seu ventre a dançar,
e eu, com a mala, a voar,
trazendo tecidos, bichinhos, cor,
pra enfeitar o quarto com amor.

No parque, um grande tronco encontrado,
por Artur foi bem tratado,
serrou, pintou, com zelo instalou,
e na parede rosa ficou a brilhar,
com luzinhas a cintilar.

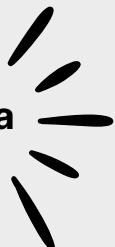
E assim nasceu a memória fina,
do quarto feito pra Catarina,
um ninho de luz e ternura,
tecido com pura doçura.

E quando a pequena Miruga chegou,
um perfume doce ficou,
no ombro, no colo, no ar,
difícil foi de lá me afastar.

Catarina já tão amada,
me fazia o voo mudar.
Com ela abraçada,
como o mundo não podia esperar?

Voltei pra São Paulo a sonhar,
com o dia em que iria voltar.
Minhas malas já vazias e sem cor,
mas eu carregando um novo amor.

Paula Bessa



O BANHEIRO DA PENHA

Eu era bem pequena, talvez três ou quatro anos e nessa época meu pai e meu avô tinham um bar no bairro da Penha. Era um sobrado, e a gente morava em cima. Não lembro muito da casa nem do bar. As fotos e as histórias contadas pela família é que ajudam a compor as poucas lembranças. Mas uma delas deixou marcas até hoje... Eu conto já. Deixa só eu falar um pouquinho mais da casa.

O bar ficava no térreo e a gente subia para a casa por um portão lateral que dava numa escada. Lá em cima, no que seria o quintal, tinha um vão - que se fosse grande a gente poderia chamar de pátio interno. Mas era pequeno e estreito, um vão mesmo, que servia para minha mãe botar a cabeça e chamar meu pai ou meu avô lá embaixo, quando precisava deles e vice-versa. Hoje ele seria o “grupo da família” no whatsapp....

Além desse vão, da casa eu só me lembro do banheiro. Era estreito e comprido. A pia ficava à direita da porta, o vaso sanitário do lado esquerdo e o box, com cortina, terminava num vitrô basculante bem alto e que, por conta de inúmeras pinturas, já não abria nem fechava. Ficava num meio-termo: o suficiente para ventilar o banheiro e pra congelar quem tomava banho no frio. As fotos contam que a casa era boa. A sala era confortável, a cozinha espaçosa. Mas delas eu não me lembro. Só do banheiro. E acho que chegou a hora de contar por quê.

Um dia, recebemos a visita de uns primos do meu pai e a filhinha deles. Na verdade, primo. A esposa virou prima por afinidade. Como para criança todos os adultos são "tios", eles eram meus tios e a menina, minha prima. Ela é somente um mês e poucos dias mais nova que eu. Ou seja, nessa época tínhamos, no máximo, quatro anos de idade.

Era sempre assim: os homens desciam para o bar e as mulheres ficavam com as crianças na casa. Elas gostavam de conversar no quintal, que além de agradável, ficava perto do vão de comunicação, caso quisessem chamar os maridos...

Eu adorava as visitas dessa minha prima. Uma das nossas brincadeiras preferidas era fazer comidinhas com terra e folhas do jardim nas panelinhas. (Devo ter cozinhado tanto nessa época que enjoei e hoje o faço por obrigação...) Imagino que estávamos fazendo nossos ensopados e, para isso, fomos ao banheiro pegar água. As mães não gostavam muito dessa parte da água... A terra virava barro e sujava a roupa, a casa, os brinquedos... Mas não dá pra cozinhar sem água né? Ou a comida parece, farofa com salada. A gente queria mesmo era um ensopado, algo mais cremoso e com "sustância", como dizia minha avó. Então fomos buscar água longe dos olhos das mães, naquele banheiro cuja janela que dava para quintal era bem alta. A gente sabia que se elas nos vissem, levaríamos bronca. Então demos um jeito de trancar a porta pra não sermos pegas.

Brincamos, fizemos nossas comidinhas, sujamos a roupa, a pia e o chão. Quando cansamos, tentamos nos limpar o quanto deu - ou seja, quase nada - e torcendo para que as mães não percebessem, resolvemos sair. Mas... a porta não abria...

A fechadura, além de alta era frouxa, a chave escorregava, caía. Quando a gente conseguia encaixar não sabíamos para que lado virar a chave e a porta não abria.

Aí, o desespero de estarmos trancadas superou o medo da bronca pela lama... Começamos a bater na porta, gritar e chorar. Medidas mais que suficientes para apavorar duas mães com pouca experiência do lado de fora... A gente gritava lá dentro. As mães choravam lá fora...

Minha mãe colocou uma cadeira embaixo do vitrô para tentar falar com a gente. Mas o vitrô emperrado não abria.

Minha mãe xingava o vitrô e a gente chorava ainda mais no banheiro...

Então ela nos avisou:

- Fiquem longe da janela, vão lá pra perto da porta porque eu vou quebrar o vidro. Vai cair caco no chão, fiquem longe pra não se cortarem.

E a mãe, desesperada, quebrou o vidro com a própria mão!!!

Entre cacos de vidro, barulho e sangue, nosso desespero só aumentou...

Alguém lembrou de ir até o vão gritar para os pais subirem.

Fecharam o bar, subiu todo mundo. Quando chegaram, encontraram minha mãe sangrando, as mulheres chorando, eu e minha prima trancadas entre cacos de vidro e lama...

Os homens pensaram em arrombar a porta. Mas podia nos machucar. Para ficar longe da porta teríamos que ficar em cima dos cacos de vidro... Chamar um chaveiro, talvez? Mas era domingo, onde encontrar um aberto?... E enquanto pensavam, a gente chorava...

Meu pai, então, subiu na cadeira e começou a conversar com a gente. Num tom calmo e seguro foi nos acalmando, dizendo que estava tudo bem e que eles iam tirar a gente de lá. Mas precisávamos nos acalmar e colaborar.

Lá de cima, pelo buraco quebrado do vitrô, ele me explicou o que eu tinha que fazer com a chave. Lembro que tinha que ficar na ponta dos pés para colocar a chave no buraco e que ela caiu algumas vezes. Mas meu pai não se deixava

abalar e com calma e paciência, nos incentivava a tentar de novo.

Quando a chave finalmente entrou, ele me disse para girar para o lado em que estava minha prima (eu ainda não sabia o que era direita e esquerda, né?). Depois de algumas tentativas, finalmente a porta se abriu...

Saímos meladas de choro, sujas de barro... e nos sujamos ainda mais no sangue da minha mãe. Mas, pelo menos, não levamos bronca pela bagunça. Ao contrário, meu pai nos deu uns doces lá do bar, em troca da nossa “bravura”...

Com bravura ou não, sei que esse episódio ficou gravado na memória. E talvez tenha nascido ali meu medo de ambientes pequenos e portas trancadas. Quem sabe foi também quando eu deixei de gostar de cozinhar...

Eliana Bianco



MORANGOS URBANOS

Moramos durante grande parte da minha infância numa casa alugada, espremida entre o Pacaembu e Higienópolis. Era uma daquelas casas antigas, com um jardim que já chegava com uma história própria; impossível de redesenhar, apenas de ocupar. Meu pai, no entanto, mesmo sem poder alterar o traçado, parecia determinado a reescrever aquele espaço com o que escolhia plantar. Às favas a forma: o que importava era o conteúdo.

O jardim tinha um projeto peculiar. Uma mistura de influências europeias: a simetria dos jardins franceses, os mosaicos secos dos pátios espanhóis. No entanto, quem prestasse atenção veria que ali também conviviam espécies muito nossas. Havia um butiá reinando em um canteiro central e uma aricurioba em outro canteiro lateral, sempre um viveiro de taturanas que serviam aos meus experimentos sádicos com lupa e luz solar. Ambos cresciam lado a lado com um pinheiro magro, reminiscência de um Natal em que meu pai resolveu trazer para a sala um pinheiro vivo, de folhas em forma de longas agulhas, para desespero da minha mãe. Assim começava um exercício de paisagismo luso-tropical, tentando costurar, no mesmo solo, lembranças de diferentes latitudes.

Meu pai se encantava com essas contradições. Gostava de contar histórias sobre as árvores, como se lhes conhecesse as biografias. Um dia, talvez tomado por alguma epifania política ou poética, decidiu tentar canteiros de cravos. A Revolução dos Cravos em Portugal o tocou mais pelo lado

estético do que pelo político. De um jeito silencioso, mas definitivo, queria fazer brotar algo simbólico ali, naquele chão de outro dono.

Não deu muito certo. Os cravos não vingaram como ele esperava. Talvez o solo, talvez o clima, talvez a realidade. Mas, como todo idealista teimoso, trocou o símbolo por um desejo mais íntimo: fixou-se na ideia de plantar morangos. Não era mais sobre revoluções distantes, mas sobre sua própria infância, mesmo que reinventada, já que descobri depois que, no passado, ele nunca havia plantado ou visto um pé de morango. Foi uma luta: morangos são frutas difíceis de cultivar.

Nada dava certo, até que um dia um rapaz francês, nosso vizinho, que tinha experiência com morangos em sua terra natal, deu uma ideia definitiva: cobrir o canteiro com uma espécie de toldo, com buracos por onde as plantas brotariam. Deu certo, mas o resultado foram morangos do tamanho de ervilhas. Além disso, assim que começaram a aparecer, os pássaros vinham comê-los. Resultado: meu pai colocou um pequeno espantalho no canteiro. Obteve um sucesso reverso: os pássaros passaram a usá-lo como poleiro.

Enquanto isso, eu, criança introspectiva, não pensava nos morangos nem nas revoluções. Eu só queria brincar. Para mim, aquele jardim era uma espécie de abrigo semi-secreto, um território de observações silenciosas. Eu me esgueirava entre as árvores, descobria insetos, criava histórias nas fendas das pedras. Onde ele via o passado, eu via possibilidades. Ele escavava — ou melhor, mandava escavar — o chão como quem procura raízes. Eu corria por cima dele como quem inventa caminhos.

Hoje penso que talvez habitássemos o mesmo jardim em camadas diferentes do tempo. Ele queria recuperá-lo, ressignificá-lo. Eu só queria que ele me deixasse espaço para explorar. E, ainda assim, nunca brigamos por esse território. Em silêncio, nos dividíamos: ele cuidava do que queria plantar, eu cuidava do que inventava.

A casa era alugada, o jardim não era nosso. Mas aquele jardim, que por contrato não podíamos alterar em sua forma, foi, paradoxalmente, o espaço mais livre da minha infância. Ali aprendi que pertencimento não é posse, que podemos nos enraizar mesmo em solo provisório, e que, às vezes, os frutos mais importantes são aqueles que nunca chegam a nascer.

Mario Aquino



INSCREVA-SE E RECEBA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES



MAGNETICA

